

EDUCATIVO

DO
RETALHO



À TRAMA
COSTURANDO
MEMÓRIAS
MIGRANTES



Olá, professor(a)!

O Núcleo Educativo do Museu da Imigração desenvolveu este material pensando em auxiliar o educador no planejamento de sua visita à exposição *Do retalho à trama: costurando memórias migrantes*, em cartaz no museu de 13 de fevereiro a 15 de maio de 2016, na sala Hospedaria em Movimento. Este material contém, de um lado, a imagem de uma obra integrante da exposição e, de outro, sugestões de atividades e leitura da imagem, propostas poéticas e textos de apoio. Boa leitura!

Núcleo Educativo do Museu da Imigração

Arpillera produzida na Casa de Passagem Terra Nova, com participação de mulheres acolhidas de diversas procedências.

Material Juta (suporte) e tecidos diversos.

Medidas 94x100cm.

Foto Conrado Secassi.

SUGESTÕES PARA LEITURA DE IMAGEM

Observe a imagem reproduzida no verso deste material. Essa imagem mostra uma espécie de tecedura produzida pelo grupo de mulheres da Casa de Passagem Terra Nova, na qual há uma representação do globo terrestre circundado por pessoas; mas perceba que ele está incompleto: os países representados no globo referem-se às origens de pessoas que passaram pela casa, sendo o Brasil o local de chegada e o oceano Atlântico a simbologia do trajeto – a viagem. É interessante deixar que os estudantes discutam livremente sobre o assunto ou levantem hipóteses sobre a escolha dos países representados na imagem.

As representações das bonecas revelam diferentes elementos culturais: vestimentas, penteados e adereços. Apesar de não ser possível definir o gênero de todas, é notável a predominância da figura feminina. O professor pode discutir com os alunos assuntos relacionados a gênero e migração: a experiência de migrar é a mesma para homens e mulheres? Quais são as principais dificuldades encontradas pelas mulheres migrantes de antes e de hoje? O professor pode sugerir que os estudantes pesquisem notícias sobre esse tema em jornais ou em blogs especializados em questões de gênero.

O professor pode, ainda, propor aos estudantes que narrem histórias de migrações que aconteceram com eles ou sua família, e juntos podem construir um globo que represente a turma e os locais por onde já se deslocaram.

O PAPEL DAS CASAS DE ACOLHIDA DE MIGRANTES NA CIDADE DE SÃO PAULO: A CASA DE PASSAGEM TERRA NOVA

Os centros de acolhida e casas de passagem de migrantes são locais que recebem a população em situação de vulnerabilidade social e/ou que sofreram graves violações de direitos humanos. Sua estrutura geralmente é constituída por dormitórios, espaço para refeições e ainda pode oferecer aulas de português e atividades de convivência ou ocupacionais. Esses locais cumprem um papel fundamental na cidade de São Paulo, onde o migrante, muitas vezes sem saber a língua portuguesa ou desconhecendo os trâmites legais, pode encontrar moradia provisória, apoio social, psicológico e jurídico e uma referência de endereço para auxiliar no processo de procura de emprego. Em certa medida, esses locais oferecem serviços muito parecidos com os da antiga Hospedaria de Imigrantes do Brás, complexo edificado onde funciona hoje o Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

HOSPEDARIA DE IMIGRANTES DO BRÁS

A Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887-1978) acolheu cerca de 2,5 milhões de migrantes de mais de 70 nacionalidades, e foi construída com o intuito de receber o imenso fluxo de pessoas que estava chegando no estado de São Paulo com o anseio de refazer suas vidas trabalhando principalmente nas lavouras de café. Funcionando por 91 anos, são inúmeras as contribuições que os migrantes que por lá passaram trouxeram para a história e formação cultural do país. A Hospedaria tinha capacidade para acolher 3 mil pessoas por vez, e contava com dormitórios, um refeitório e prédios de serviços como agência dos correios, posto policial e estação ferroviária.

Localizada na região da República, no centro de São Paulo, a Casa de Passagem Terra Nova conta com espaço para receber 50 pessoas, e se articula com outros setores da sociedade civil como o Centro de Referência para Refugiados (Caritas), o Instituto de Reintegração do Refugiado (ADUS), e outros centros de acolhida como o Centro de Referência e Acolhida para Imigrantes (CRAI), localizada na mesma região. Por lá já passaram mais de 150 pessoas, vindas de diferentes países como Síria, Nigéria, Guiné Bissau, República Democrática do Congo, Camarões, Angola e Bolívia. A casa oferece, além de apoio social, psicológico e jurídico, atividades de convivência, atividades ocupacionais e cursos de idioma na língua portuguesa, auxiliando na integração dos acolhidos.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

O professor pode incentivar os estudantes a pesquisarem sobre os trajetos que os migrantes realizam para chegar ao Brasil. Observando os personagens presentes na imagem representada neste material, o que podemos dizer sobre eles? Como são suas roupas? Os países apontados são muito distantes do Brasil? Você conhece alguma coisa sobre esses países?

Muitas vezes, por diversas barreiras burocráticas e econômicas, o percurso se torna tortuoso e difícil, podendo levar semanas ou meses. Quais são os documentos necessários para se emigrar para o Brasil? E para solicitar refúgio? Essas informações podem ser encontradas na internet, em sites especializados sobre migração. Após a pesquisa, os estudantes podem compartilhar com a turma os resultados encontrados em seminários ou cartazes.

A barreira linguística não é a única que dificulta na hora de buscar um emprego: não saber também quais são as leis trabalhistas no lugar de chegada, ou quais são os seus direitos como trabalhador, faz com que o migrante acabe trabalhando muitas vezes em condições precárias. Abaixo, citamos algumas instituições que auxiliam na inserção e nos primeiros contatos dos migrantes que ainda não têm uma rede estabelecida no Brasil:

Instituto de Reintegração do Refugiado (ADUS)

Atua em parceria com solicitantes de refúgio, refugiados e pessoas em situação análoga ao refúgio para sua reintegração à sociedade buscando sua valorização e inserção social, econômica e cultural.
www.adus.org.br/

Caritas Arquidiocesana de São Paulo

Atua na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário.
caritasarqsp.blogspot.com.br/

Missão Paz

Com um amplo histórico e sediada na Igreja Nossa Senhora da Paz, no Glicério, trabalha ativamente com a comunidade migrante na região, principalmente com grupos haitianos. Auxilia com documentação e na inserção no mercado de trabalho.
www.missaonspaz.org/

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)

Agência da ONU para refugiados, articula grupos em diversos países que trabalham pela manutenção e aplicação dos direitos humanos.
acnur.org/

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Nem sempre um mapa é a representação de um espaço físico, podemos também utilizá-lo para representar sensações e lembranças. A atividade "Cartografia Afetiva" é uma boa maneira de entendermos nossos deslocamentos na cidade como uma espécie de migração, percorrendo poeticamente espaços que fazem parte da nossa vivência.

O professor pode experimentar traçar com os estudantes um mapa afetivo do espaço que estão e dos caminhos que percorreram até chegar ali, utilizando como referência sensações como cheiros, sabores ou memórias de paisagens que não existem mais ou lugares afetivos.

O professor pode provocar os estudantes também a imaginar o caminho de outras pessoas a partir de suas histórias: um refugiado que veio para o Brasil, alguém que veio para estudar, uma família, uma moça ou um rapaz solteiro. Para cada pessoa, uma história diferente. Como seria traçar os deslocamentos afetivos de outra pessoa?



Legenda *The Mapping Journey Project*, 2008-2011. Bouchra Khalili. *Video instalação*. Foto: Site da artista. Disponível em: <http://www.bouchrakhalili.com/the-mapping-journey-project/>. Acesso em: 21.01.2016.

Produzido entre 2008 e 2011, *The Mapping Journey Project*, instalação da artista franco-marroquina Bouchra Khalili, é composta por oito canais de vídeo, com um plano-sequência onde uma mão desenha um caminho no mapa, seguindo o trajeto tortuoso e complexo pelo qual esses migrantes passaram para chegar ao destino escolhido. Uma voz em *off* narra as jornadas individuais. O projeto tem por objetivo desenhando uma visão geográfica alternativa sobre a perspectiva de indivíduos forçados a cruzar fronteiras de forma indocumentada.

O TRABALHO ARTÍSTICO COMO FORMA DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

Nascida na Isla Negra, no Chile, a *arpillera* é uma técnica têxtil que utiliza um suporte de pano rústico – como sacos de farinha ou batata – e retalhos de tecido para compor bordados e contar histórias. Essa técnica ganhou amplitude principalmente a partir da sua apropriação por mulheres que buscavam denunciar as violências praticadas pela ditadura chilena na década de 1970.

Dentro da programação de atividades de integração realizadas com os acolhidos na Casa de Passagem Terra Nova, há uma oficina que acontece todas as sextas-feiras pela manhã desde 2015, em que as mulheres se reúnem para produzir *arpilleras* sobre seus processos migratórios. Juntas, elas dialogam e realizam seus trabalhos, representando paisagens, memórias e locais de afeto, utilizando retalhos de pano, sempre muito coloridos. São pedaços de cenas cotidianas que se constituem como tramas de memórias e visualidades, nas quais podemos reconhecer a vegetação específica de um lugar, formas diferentes de se vestir, topografias acidentadas e ambientes familiares.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Em roda, o professor pode iniciar uma conversa com os estudantes sobre a exposição "**Do retalho à trama: costurando memórias migrantes**", utilizando como base os textos disponíveis neste material. Em seguida, o professor pode realizar uma ação poética de "costurar" a turma. Com uma agulha grossa com uma lã amarrada, o professor pode sugerir que cada estudante, com uma palavra, descreva sua impressão da exposição ou da técnica de *arpilleras*, e então passe a agulha para o estudante ao lado, brincando de "costurar" a pessoa - amarrando no braço ou passando pela roupa. O próximo estudante continuará o processo, até que toda a turma esteja "costurada"



Olá, professor(a)!

O Núcleo Educativo do Museu da Imigração desenvolveu este material pensando em auxiliar o educador no planejamento de sua visita à exposição *Do retalho à trama: costurando memórias migrantes*, em cartaz no museu de 13 de fevereiro a 15 de maio de 2016, na sala Hospedaria em Movimento. Este material contém, de um lado, a imagem de uma obra integrante da exposição e, de outro, sugestões de atividades e leitura da imagem, propostas poéticas e textos de apoio. Boa leitura!

Núcleo Educativo do Museu da Imigração

Arpillera produzida pelo Coletivo "Mujer latina, tú eres parte no te quedas aparte", 2015.

Material Juta (suporte) e tecidos diversos.

Medidas 43x47cm.

Foto Conrado Secassi.

SUGESTÕES PARA LEITURA DE IMAGEM

Observe a imagem no verso deste material. Nela, uma mulher com duas crianças contemplam uma paisagem de cadeias montanhosas. De fato, uma das imagens mais sugestivas, nos termos de uma representação simbólica sul-americana, são as montanhas dos Andes, a espinha dorsal do continente, paisagem natural do Chile, Argentina, Bolívia, Equador, Peru, Colômbia e Venezuela. Há alguma paisagem natural que você também tenha guardada na memória? Na cidade, a verticalidade das montanhas pode ser substituída por aquela dos prédios. Qual paisagem da cidade traz para você recordações inesquecíveis? É interessante pensar em lugares que pessoas adultas consideram pequenos, mas que são enxergados como grandiosos e cheios de obstáculos quando vistos pelos olhos de crianças. Você lembra de já ter se sentido assim? A partir da leitura dessa imagem, pode-se também propor uma atividade de desenhar uma paisagem da infância, de um local que já não existe ou ao qual essa pessoa não tenha mais retornado.

Entre os dias 6 e 13 de dezembro de 2015, o Museu da Imigração participou da Semana de Direitos Humanos, propondo atividades voltadas a essa temática. Dentro dessa programação, o museu acolheu uma oficina de *arpilleras* no dia 6 de dezembro da qual participaram mulheres argentinas, chilenas, bolivianas e também brasileiras, participantes do coletivo "Mujer latina, tú eres parte, no te quedes aparte" - ligadas à organização Presença da América Latina. Em conjunto, as mulheres trouxeram como temática para construção das *arpilleras* a memória afetiva relacionada ao ato de migrar: *o que se lembra do antigo lugar e o que se recebe*

como novo, numa mescla de memórias e anseios, representada nos trabalhos que vocês podem conferir nesta exposição.

Ainda que cada mulher desenvolva a sua própria *arpillera*, é interessante apontar que, a partir do trabalho manual, as artífices comungam de uma experiência bastante horizontal de criação e troca de ideias. Reconhecendo-se como grupo, portanto, as mulheres optam por não dar autoria individual a seus trabalhos, somente nomeando-os como produção do coletivo. Assim, cada trabalho criado representa um leque variado de sugestões de inúmeras mulheres.

HOSPEDARIA DE IMIGRANTES DO BRÁS

À semelhança da *arpillera*, técnica têxtil que se utiliza de tecidos e retalhos diversos para a criação de uma composição, sugerimos o uso de qualquer pano grosso e resistente para servir como suporte, como aqueles de anagem (que conhecemos também por juta), feitos para os sacos de batatas. A seguir, podemos pensar numa temática compartilhada: por que não imaginar uma cidade... mas uma cidade ainda por existir? Ou então o próprio entorno da escola? Jogar um pouco com a memória, conjugando o que já existe com aquilo que ainda está por vir é um ótimo exercício de imaginação. Os estudantes podem realizar essa *arpillera* de forma coletiva, costurando os retalhos ou mesmo utilizando cola de tecido.

Esse exercício de desapego dispensa o uso da autoria como posse única e legítima de uma obra criativa, compartilhando-a com outros indivíduos e, ao mesmo tempo, dotando a memória que ali vai se inserir de um aspecto coletivo, demonstrando anseios e desejos de um mesmo grupo. Numerosos trabalhos artísticos e manuais são realizados também de acordo com essa premissa, na qual o indivíduo insere-se dentro de uma lógica colaborativa. Os exemplos são numerosos. Você consegue se lembrar de algum?

Mulheres rendeiras do Cariri Paraibano. Foto: José Marques/Secom-PB. Disponível em: <http://paralba.pb.gov.br/trabalho-das-rendeiras-do-cariri-atral-celebridades-e-passarelas-do-mundo/>. Acesso em: 27 Jan 2016.



Mestre Vitalino e sua família produzindo as famosas figuras de barro. Foto: autoria desconhecida. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2013/01/mestre-vitalino-arte-felta-de-barro.html/>. Acesso em: 27 Jan 2016.



Índias Terena produzindo jarros e potes de cerâmica. Foto: Rodrigo Teixeira. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/indios-adeus/>. Acesso em: 27 Jan 2016.



Mobilização coletiva para a pintura de ruas, em tempos de Copa do Mundo. Foto: AP. Disponível em: <http://g1.globo.com/especiais/africa-do-sul-2010/noticia/2010/05/vizinhos-de-unem-para-decorar-ruas-para-copa-do-mundo.html/>. Acesso em: 27 Jan 2016.



O professor pode relacionar as imagens acima com as *arpilleras* feitas pelos coletivos de mulheres. O que têm em comum? Do mesmo modo, o que têm de diferente? O professor pode sugerir que os estudantes pesquisem outros trabalhos artesanais e artísticos que sejam realizados de forma coletiva.

ARPILLERAS: BORDANDO UMA OUTRA HISTÓRIA CHILENA E LATINO-AMERICANA

Uma tradução é, ainda que se esforce por ser literal, uma traição da palavra. Por que estamos afirmando isso? Ao traduzirmos a palavra *arpillera*, do espanhol para o português, podemos ter como resultado as palavras *juta*, *aniagem* ou mesmo *trapo*. Mas o que é ordinário pode ganhar outra significação ao mantermos o nome original. Assim, como traduzir uma expressão cultural, tanto em termos de língua quanto de prática e vivência? É inegável que, ao dizermos *arpillera*, nos referimos sobretudo a um contexto feminino, chileno, coletivo. Isto sempre estará presente como uma espécie de essência dessa técnica artesanal.

Sabemos que as *arpilleras* já eram parte do saber popular de alguns grupos de mulheres da Isla Negra, no litoral central chileno, para contar suas histórias e memórias. Entretanto, o assassinato do presidente do Chile, Salvador Allende, por forças militares golpistas, lideradas por Augusto Pinochet em 1973, inaugurou um período de repressão sombrio que deixou um saldo de ao menos 3 mil mortos, em um total de 40.000 vítimas entre presos políticos, torturados e desaparecidos, conforme documento liberado em 2011 pela Comissão Valech (Comissão Nacional sobre Prisão Política e Tortura do Chile). Nesse sentido, as mulheres de cidadãos torturados e assassinados enxergaram nessa técnica têxtil um modo eficiente de denúncia e de sublimação de uma memória de dor. Retalhos das roupas dos desaparecidos e invólucros de pano contendo cartas, costuradas ao tecido da juta, transitam

por diversos meios de difusão das artes, fazendo chegar tais mensagens a países estrangeiros e revelando a tragédia política no Chile. A *arpillera* contém, invariavelmente, em sua história e abordagem, um pouco de *"tela, aguja y dolor"*, segundo as próprias criadoras. A chilena Violeta Parra (1917-1967), cantora, compositora, folclorista e, ela própria, uma criadora de *arpilleras*, costumava dizer que elas *"eram como canções"*, fossem a vida e o cotidiano iluminados ou sombrios. De tal forma, teriam a obrigação de contar a história e a memória da comunidade por uma ótica muito particular - a das mulheres do mundo.



Violeta Parra (1917-1967), tocando violão. Foto: Autoria desconhecida. Disponível em <<http://southernexposurearts.org/artists/gracias-a-la-vida-the-rebel-spirit-of-violeta-parra/>>. Acesso em: 04 fev 2016.

A DENÚNCIA EMBUTIDA NOS OBJETOS

No início da ditadura chilena, a partir de 1973, em um período específico da trajetória das *arpilleras*, usou-se costurar a denúncia política numa pequena bolsinha de pano acoplada ao trabalho. Uma carta de papel era escondida e envelopada

num retalho de pano, quando as *arpilleras* eram enviadas para exposições em outros países. Quando a voz é sufocada, procuram-se outros meios de expressão. Em finais de 2012, uma mulher estadunidense, ao receber um brinquedo comprado na internet e produzido na China, encontrou dentro deste, para sua surpresa, uma carta de socorro escrita por um trabalhador chinês anônimo, denunciando condições precárias de trabalho. Uma parte da carta assim dizia: *"As pessoas que trabalham aqui têm que trabalhar por 15 horas diárias, sem descansos aos sábados, domingos ou em qualquer feriado. De outro modo, eles sofrerão (punições), apanhando ou com comentários rudes. Quase sem pagamento (10 yuan - 1 mês)"*. O mais interessante é notar que, de maneira diferente da *arpillera*, em que a presença artesanal (e humana) da criação é predominante, enxergamos humanidade no objeto industrializado tão somente quando, dentro dele, descobre-se uma mensagem de quem o produziu. Há também uma relação de memória ali presente, aquela que nos faz lembrar quem produz e em quais condições. Quando falamos de escravidão, parece que estamos nos referindo tão somente ao passado. No Brasil, alguns dados do Ministério do Trabalho mostram que, somente em 2014, 1590 pessoas* foram resgatadas de situações de trabalho análogas à escravidão. Ainda existe uma escravidão contemporânea generalizada? Alguns tipos de ofício são mais suscetíveis à escravidão do que outros? Um debate com estudantes que já possuem idade mínima para o primeiro emprego pode ser interessante nesse sentido.

Fonte: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/01/ministerio-divulga-balanco-do-trabalho-escravo-em-2014>

PARCERIA



REALIZAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO Governador do Estado GERALDO ALCKMIN Secretário de Estado da Cultura MARCELO MATTOS ARAUJO Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico Renata Vieira da Motta | **INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DA HISTÓRIA DO CAFÉ E DA IMIGRAÇÃO** Presidente do Conselho de Administração Roberto Pentead de Camargo Ticoulat **Comitê Executivo** Guilherme Braga Abreu Pires Filho e Eduardo Carvalhaes Jr. **Diretora Executiva** Marília Bonas **Diretor Administrativo** Thiago Santos **Gerente de Controladoria Geral** Alessandra Almeida **Gerente de Comunicação Institucional** Caroline Nóbrega **Coordenadora Técnica do Museu da Imigração** Mariana Esteves Martins **Material educativo da exposição DO RETALHO À TRAMA: CONSTURANDO MEMÓRIAS MIGRANTES Educativo** Paola Maués, Adilson Medeiros dos Santos, Aline Oliveira, Ana Menezes, Bruna Marques, Conrado Secassi, Felipe Pontoni, Guilherme Ramalho, Isabela Maia, José Pedro S. Viviani, Juliana R. Barros, Luiz Gregório G. de Camargo, Paulo Rogerio dos Santos e Raquel Freitas **Curadoria** Angélica Beghini, Paola Maués, Tatiana Chang Waldman **Registro fotográfico** Conrado Secassi **Expografia e produção** Juliana Silveira e Vivian Bortolotti **Design** Alessandro Souza [dinamo] **Conservação de acervo** Ana Beatriz Giacomini e Lívia Alli **Impressão offset** Premier Artes Gráficas **Agradecimentos Coletivo "Mujer latina, tú eres parte, no te quedes aparte"** Alicia Del Carmen Pedreros Plaza, Dalvaci Porto, Daniela Nuñez Cordova, Frida Cordova Reque, Gioconda Elgueta Urrutia, Ines Fuentes Gonzalez, Jeannette Toro Cortes, Marcela Marciani, Monica Rodriguez Ulo, Oriana Jara, Rossana Pulcinelli, Susana Rettori, Yolanda Jeanette Cortes **Participantes da oficina na Casa de Passagem Terra Nova** Amadi, Angela, enediete, Bibiana, Carina, Channel, Charlene, Elizabete, Évita, Fena, Francine, Gertrudes, Gisele, Julia, Juliana, Lea, Lina, Luisa, Mabanza, Mammie, Maria, Marina, Mimi, Mita, Mpena, Nana, Nsimba, Paciência, Parfaite, Paulina, Rasha, Suzane, Titina **Organização** Presença da América Latina (PAL) **Casa de Passagem Terra Nova** Adriana Natim, Simone Cavalcante e José Roberto Mariano